

UNIVERSO ESCOLAR E OS ESTUDANTES NATIVOS DIGITAIS: ENCONTROS E DESENCONTROS

*THE SCHOOL WORLD AND DIGITAL NATIVE STUDENTS:
ENCOUNTERS AND MISMATCHES*

Elenice Maria Canello

Must University, Estados Unidos

Marciane Altenhofen

Must University, Estados Unidos

Resumo: O cotidiano educacional tem experienciado muitas mudanças devido às constantes inovações no campo da tecnologia, o que exige mudanças no processo educativo, pois a escola hoje convive com uma geração de alunos os “nativos digitais”. E, o professor precisou agregar as mídias no seu fazer pedagógico, para gerar a esses estudantes motivação e interesse na aprendizagem. Sabe-se que as mídias abrem possibilidades nas interações e a interatividade entre os estudantes e o saber mediado pelas práticas inovadoras gerenciadas pelo professor. Frente esse “novo” estudante a escola tem buscado promover e formar uma sociedade mais democrática e afetivamente integrada, bem como reconfigurar o processo de ensinar e aprender. Portanto esse estudo objetiva realizar uma breve discussão teórica sobre os encontros e desencontros vivenciados pelos professores e a geração nativa digital no contexto escolar. Dessa forma a metodologia de pesquisa é bibliográfica descritiva, tendo base de análise materiais teóricos que exploram esses temas tão atual e essenciais para os professores, que é a mediação do estudante com o conhecimento dos diferentes espaços e tempos, por meio das mídias tecnológicas. Conclui que as estratégias envolvendo plataformas digitais, metodologias ativas, geram a conectividade e contribuiu para tornar as aulas seja nos espaços formais ou informais de aprendizagem, mais dinâmicas, envolventes e atrativas para esse estudante da geração nativa digital.

Palavras-chave: Geração Nativa Digital. Professores. Mediação. Aprendizagem.

Abstract: The educational routine has experienced many changes due to constant innovations in the field of technology, which requires changes in the educational process, since the school today coexists with a generation of students who are “digital natives”. And, the teacher needed to add the media in his pedagogical work, to generate these students motivation and interest in learning. It is known that the media open up possibilities for interactions and interactivity between students and knowledge mediated by innovative practices managed by the teacher. Faced with this “new” student, the school has sought to promote and form a more democratic and affectively integrated society, as well as to reconfigure the teaching and learning process. Therefore, this study aims to carry out a brief theoretical discussion about the encounters and disagreements experienced by teachers and the digital native generation. Thus, the research methodology is bibliographical and descriptive, based on the analysis of theoretical materials that explore these themes, which are so current and essential for teachers, which is the student’s mediation with the knowledge of different spaces and times, through technological media. It concludes that strategies involving digital platforms, active methodologies, generate connectivity and contribute to making classes, whether in formal or informal learning spaces, more dynamic, engaging and attractive for this student of the digital native generation.

Keywords: Digital Native Generation. Teachers. Mediation. Learning.

1 Introdução

A cada novo amanhecer é possível dizer que a sociedade se adentra com novos avanços tecnológicos, na comunicação tem se propagando velozmente com o surgimento da internet, “estamos interconectados com o mundo. É essa a sensação que temos é que bombardeados de informações que são veiculadas pelas diferentes mídias impressas, sonoras, televisivas e telemáticas” (Alves, 2007, p. 01). E, esses avanços e essa conectividade estão presentes no campo educacional deixando esse contexto mais dinâmico ainda.

Os sistemas educacionais precisam buscar acompanhar as transformações que ocorrem, pois é nesse contexto que há necessidade educativa de levar os alunos ao domínio do conhecimento científico, para realmente inseri-los nessa nova sociedade digital.

A comunidade científica tem demonstrado em pesquisas a urgente necessidade de incorporar novas práticas pedagógicas pelos professores

nas diferentes modalidades de ensino, usando as tecnologias digitais, promovendo uma participação colaborativa, ativa e autônoma dos alunos na produção de saberes gerando assim, o letramento científico e tecnológico dos estudantes (Godoi Branco et al., 2018). Ou ocorreremos no erro de criar barreiras digitais frente à nova geração de alunos “nativos digitais”, que muitas vezes não sabe como lidar com tanta informação e não sabe usar as tecnologias em favor de seu desenvolvimento intelectual.

Nesse contexto inovador, a aprendizagem precisa ser voltada a colaboração e a interação entre os alunos e como mediador do processo o professor. A aprendizagem colaborativa “é uma situação de aprendizagem na qual duas ou mais pessoas aprendem ou tentam aprender algo juntas (...) a troca de ideias com outras pessoas melhora o pensamento e aprofunda o entendimento” (Torres; Irala, 2014, p. 65). Ainda continuam os autores afirmando que é nesses “trabalhos colaborativos o que se busca é uma parceria entre os indivíduos participantes que vá além da simples soma de mãos para a execução de um trabalho. Na colaboração, há a soma das mentes dos envolvidos” (2014, p. 65), ou seja, de coletivos inteligentes.

Diante dessas constatações, objetivo desse estudo foi de realizar uma breve discussão teórica sobre os encontros e desencontros vivenciados pelos professores e a geração nativa digital no contexto escolar.

2 Estudantes nativos digitais: encontros e desencontros nos contextos escolares

A escola hoje não pode mais pensar em um processo educativo voltado as práticas tradicionais, pois com essa nova geração digital de estudantes, o que vem ocorrendo são encontros e desencontros entre estes, gerando como já cometendo “barreiras digitais”.

Para Prensky (2001), os “nativos digitais” é aquela geração que nasceu na era da tecnologia digital e da internet e também denominados como aqueles que “interagem com as tecnologias de forma diferenciada, já que abrem várias janelas ao mesmo tempo, isto é, escutam música, vêm televisão, estudam, usam o computador, batem papo nos chat, fazem tudo ao mesmo tempo, e exigem, portanto, interatividade” (Alves, 2007, p. 02).

Todavia não podemos simplesmente considerar que as pessoas que nasceram na, pois “para pertencer à Geração Digital não basta simplesmente crescer em um mundo em que as tecnologias digitais estão amplamente disponíveis. É preciso que os sujeitos estejam aptos e de posse das condições

para participar e compartilhar de experiências comuns” (Bortolazzo, 2015, p. 32). Ou seja, fazer parte de um processo colaborativo, pois sabemos que a construção dos saberes parte “do conhecimento do coletivo para o individual não se constitui em uma abordagem nova, que emerge a partir da mediação das mídias telemáticas” (Alves, 2007, p. 02). Ainda em relação a geração “nativa digital”, as pessoas,

[...] estão acostumados a receber informações muito rapidamente. Eles gostam de processos paralelos e multitarefa. Eles preferem imagens antes do texto em vez do texto antes da imagem. Eles preferem acesso aleatório, não linear (como hipertexto). Eles funcionam melhor quando estão em rede. Eles prosperam com gratificação instantânea e recompensas frequentes. Eles preferem jogos para encararem o trabalho “sério”, por isso os professores de hoje têm que aprender a se comunicar na língua e estilo de seus alunos (Silva et al., 2020, p. 59).

Hoje temos no contexto escolar uma geração de estudantes que difere das gerações mais antigas, que buscavam memorizar informações e transformar em conhecimento, “enquanto que a atual geração usa ferramentas de busca e, como resultado, pode focar nas habilidades de procurar, verificar e aplicar as informações, mais do que aprendê-las” (Bortolazzo, 2015, p. 125).

O professor precisa estar ciente que os estudantes da contemporaneidade, as tecnologias midiáticas já fazem parte do seu cotidiano, e a grande maioria desses não conseguem e nem tem ideia do que fazer, quando não está conectado nos diferentes “ciberespaços”. E ainda devemos considerar que, “[...] a tecnologia por si mesma não substituirá a intuição, o bom juízo, a moral e a capacidade para resolver problemas. Mas em um futuro inimaginavelmente complexo, a pessoa destacará suas capacidades graças à tecnologia digital, incrementando assim sua sabedoria” (Prensky, 2001 apud Santander, 2012, p. 03).

Desde seu surgimento as mídias foram vistas como ferramentas que dinamizam o processo de ensinar e instigam à qualidade do processo de aprender. As tecnologias midiáticas constituem parte da inteligência coletiva que segundo Lévy (2015, p. 23) é “uma inteligência distribuída por toda parte, incessantemente valorizada, coordenada em tempo real, que resulta em uma mobilização efetiva das competências”. A qual tem com intuito de discernir as competências e habilidades que cada pessoa possui, com a finalidade de estruturar as possibilidades de fazer uso dessas aptidões em prol do coletivo. E reitera Franco (2018) por meio da utilização

das tecnologias da informação e comunicação ocorre à coordenação dos inteligentes coletivos.

Para Levy (2015) a inteligência coletiva atrelada às tecnologias da inteligência deve ser constantemente valorizada na educação formal, que é um espaço onde as competências, habilidades, saberes, criatividade e criticidade de cada aluno são valiosas e importantes para o desenvolvimento coletivo e de outros grupos em diferentes espaços, gerando os intelectuais coletivos que são “as comunidades humanas comunicando-se consigo mesmas, pensando a si próprias, partilhando e negociando permanentemente suas relações e seus contextos de significações comuns. Nessas comunidades a negociação constante da ordem é um objetivo assumido pelos coletivos inteligentes” (Lévy, 2015, p. 164).

São a partir dessas relações comunicacionais e sociais que se constrói o que Pierre Lévy chamou de “identidades do saber”, dessa maneira uma pessoa seria para outra na verdade para o autor “oportunidade de aprendizado”.

Tal oportunidade de aprendizado vem do fato de cada sujeito trazer em si seus conhecimentos como capital intelectual. E é justamente a aproximação desses capitais de conhecimento, e as habilidades de aprender e ensinar dos sujeitos que juntos formam o chamado intelectual coletivo, também denominado coletivo inteligente (Franco, 2018, p. 20).

Dessa forma, os saberes não são construídos somente na relação professor/estudante, estudante/estudante e estudante/tecnologias, mas na soma de todas essas inteligências e nessa relação colaborativa não teremos “apenas a soma das inteligências individuais, mas o surgimento de uma inteligência diferente em qualidade” (Franco, 2018, p. 21) uma inteligência coletiva, que se constrói na interatividade.

Muitos dos desencontros vivenciados no contexto escolar formal são devido ao fato que hoje temos maior condição de acessibilidade das pessoas aos equipamentos tecnológicos midiáticos móveis, muitas vezes professor não faz uso dos mesmos em sua prática, quando na verdade deveria abrir possibilidades de usá-las no ambiente educativo, pois a maioria dos alunos tem acesso às mídias interativas, promovendo um ensino que vai além da sala do ambiente de sala de aula, promovendo a interação estudante-professor de maneira assíncrona vencendo a ideia de tempo e espaço.

Muitos dos encontros ocorrem no contexto escolar quando o professor, insere na sua prática as tecnologias moveis, onde processo de

aprendizagem, passa para dimensão motivacional, os alunos têm acesso a objetos virtuais digitais e os conteúdos são a eles apresentados por meio de recursos, como vídeo, jogos digitais e ou plataformas de ensino, permite possibilidades de ter contato com desafios a serem solucionados. E, aquelas atividades muitas vezes fatigantes aos alunos, passam a ser por eles executadas com um maior grau de interesse e desempenho (Martins; Kliemann, 2016). Para que ocorram mais encontros que desencontros no contexto escolar os professores,

[...] podem utilizar de recursos digitais na educação, principalmente a internet, como apoio em pesquisas, para realização de atividades discentes, para a comunicação com os alunos e dos alunos entre si, para integração entre grupos dentro e fora da turma, para publicação de páginas web, blogs, vídeos, para a participação em redes sociais e entre muitas outras possibilidades (Moran, Masseto; Behrens, 2013, p. 36).

São práticas docentes que geram encontros. Ainda nessa linha de pensamento um encontro de qualidade entre o estudante digital, o professor e o processo educativo, se dá com a inovação e ao fazer uso das tecnologias digitais no contexto de sala de aula, valendo-se das metodologias ativas e colaborativas. Pois, essas, incorporadas “no ambiente educacional é constantemente associada à expressão aprendizagem colaborativa e empregada pelos educadores como uma prática necessária para desenvolver e fomentar o aprendizado em sala de aula” (Cernev, 2013, p. 03).

O professor precisa ter em mente que somente ofertar recursos tecnológicos e ambiente virtual por si só não irão definir a efetivar conhecimentos, visto que o ambiente e as suas interfaces podem levar o condicionamento, mas não garantem a aprendizagem (Camacho, 2009), sem contar que os estudantes na sua maioria não está preparado e não sabe usar as mídias em prol de sua aprendizagem.

Hoje a interatividade permeia a educação e “através de intensa interação com recursos de aprendizagem os estudantes passam mais tempo aprendendo, o que colabora para aumentar a aprendizagem” (Meira, Tavares; Amaral, 2020, p. 48707). Assim, o professor precisa aproveitar e promover situações de aprendizagem por meio da interatividade, gerando assim um motivador a esse estudante “nativo digital.

Colaborando com essa concepção José Moran (2015), diz que o professor em sua prática, combinar os mais variados espaços sejam eles espaços formais (escola) com os ambientes “informais (redes sociais, wikis, blogs), feita de forma inteligente e integrada, nos permite conciliar a

necessária organização dos processos com a flexibilidade de poder adaptá-los a cada aluno e grupo” (Moran, 2015, p. 24). Pois, entre os alunos hoje há maiores condições de receptividade das pessoas aos equipamentos tecnológicos midiáticos móveis, e a viabilidade de usá-las no contexto escolar, passou a ser uma realidade mais presente a cada dia, pois a maioria dos alunos tem acesso às mídias interativas e suas diferentes plataformas, inúmeras redes sociais entre outros.

Enfim, as mídias digitais inserem sim, ao ato educativo uma dimensão motivacional, pois quando os estudantes têm acesso aos conteúdos por meio através de recursos, como vídeo, jogos digitais e ou plataformas de ensino, permite possibilidades de novas aprendizagens.

3 Considerações finais

Como concluímos o cenário escolar mudo tanto com a inserção das mídias como com um novo aluno, denominado nesse estudo “nativo Digital”, e assim é preciso buscar promover encontros entre a prática do professor, o estudante e essas ferramentas que dinamizam o processo de ensinar e instigam à qualidade do processo de aprender. Pois ao ofertar a esses estudantes, ferramentas mediáticas promove um ambiente de aprendizado mais colaborativo e interessante aos mesmos, rompendo as barreiras digitais que existe entre o professor e o estudante. Assim é possível por meio da interatividade levar os alunos a compreensão de si e do cenário social, fazer uso das tecnologias para sua aprendizagem e promover o letramento científico e digital.

Os estudos apresentam a relevância de da utilização pelos professores e alunos, das tecnologias no contexto de sala de aula, como ferramentas pedagógicas, oportunizando a exploração de inúmeras práticas metodológicas ativas, para auxiliar no processo de ensino e aprendizagem. Pois, essas metodologias inovadoras promovem o contato dos estudantes com as diferentes formas de linguagens e comunicação, gerando diferentes estilos de aprendizagem, bem como a colaborativa e ativa em diferentes espaços formais e não formais.

Enfim, entre encontro e desencontros no contexto escolar, percebe-se que a maioria dos professores tem buscado se reinventar e rever sua docência, procurando atrelar a elas práticas mais instigadoras e desafiadoras a essa geração de estudantes nativa digital.

Referências

ALVES, Lynn. Nativos digitais: games, comunidades e aprendizagens. *Tecnologia Educacional e Aprendizagem: o uso dos recursos digitais. Livro Pronto: São Paulo*, p. 233-251, 2007.

BORTOLAZZO, Sandro Faccin. *Narrativas acadêmicas e midiáticas produzindo uma Geração Digital*. Tese de Doutorado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. 2015. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/128901>

CERNEV, Francine Kemmer. Aprendizagem colaborativa mediada pelas tecnologias digitais: um estudo realizado nas aulas de música no contexto da educação básica. *Hipertextus Revista Digital (UFPE)*, v. 10, p. 1-17, 2013.

FRANCO, Angela Halen Claro. Inteligência coletiva: manifestações nos ambientes digitais. 2018. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/entities/publication/0fa724b6-5519-4a36-a8bb-ed5ce4371113>

GODOI BRANCO, Alessandra Batista de et al. Alfabetização e letramento científico na BNCC e os desafios para uma educação científica e tecnológica. *Revista Valore*, v. 3, p. 702-713, 2018.

LÉVY, Pierre. *A inteligência coletiva: por uma antropologia do ciberespaço*. São Paulo: Folha de São Paulo. 2015.

MARTINS, Maria Izaura; KLIEMANN, Marciana Pelin. As tecnologias de comunicação digital/TCD como motivação no processo ensino-aprendizagem. *Cadernos do PDE*, [versão online] ISBN: 978-858015-093-3. 2016.

MEIRA, Matheus Carvalho; TAVARES, Luis Antonio; DO AMARAL, Sérgio Ferreira. PBL-TUTOR DESENVOLVIMENTO DE UM SISTEMA DE TUTORIA INTELIGENTE NO ENSINO DE LÓGICA DE PROGRAMAÇÃO UTILIZANDO PROJECT BASED LEARNING (PBL) DIRECIONADO AO ENSINO TÉCNICO E SUPERIOR. *Desafios do Digital: Livro de Atas, Challenges 2021*, p. 87.

MORAN, José Manuel. Ensino híbrido: equilíbrio entre a aprendizagem individual e a grupal. Coleção Mídias Contemporâneas. Convergências Midiáticas, Educação e Cidadania: aproximações jovens. Vol. II Carlos Alberto de Souza e Ofelia Elisa Torres Morales (orgs.). PG: *Foca Foto-PROEX/UEPG*.2015.

MORAN, José Manuel; MASETTO, Marcos. T; BEHRENS, Marilda Aparecida. *Novas tecnologias e mediação pedagógica*. 21ª ed. Campinas: Papirus. 2013.

SANTANDER, Alejandro Castro. A Ciberconvivência dos “Screenagers”. *Revista Meta: Avaliação*, v. 4, n. 12, p. 314-322, 2013.

PRENSKY, Mark. *Digital natives, digital immigrants*, part I. On the Horizon. Lincoln: NCB University Press, v. 9, nº 5, 2001.

SILVA, Maria do Rozário Gomes da Mota et al. *Redes digitais e estilos de uso do espaço virtual: atuações e inovações nas formas de aprender*. 2020. Disponível em: https://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UFPE_fc04158221a4c5565348aa68a2e636ea

TORRES, Patrícia Lupion; IRALA, Esrom Adriano Freitas. *Aprendizagem colaborativa: teoria e prática*. *Complexidade: redes e conexões na produção do conhecimento*. Curitiba: Senar, p. 61-93, 2014.